

QUÍMICA, SEXO E PODER

A polarização política brasileira serve de pano de fundo de *A Tensão Superficial do Tempo* – mas o forte do novo romance de Cristovão Tezza está em seu ousado fluxo narrativo **MARIO VIANA**



THEO MARQUES/FOLHAPRESS

HOMEM DE DILEMAS Tezza: ele vai da pirataria de filmes à gestão Bolsonaro

CÂNDIDO, o melhor professor de química de Curitiba, é também um exímio pirateador de filmes da internet. É ainda obcecado pela amante, Antônia, casada — e malcasada — com um procurador da República convidado a assessorar o ministro da Justiça. Há um quê de crônica de costumes em *A Tensão Superficial do Tempo*, o

novo romance de Cristovão Tezza. Mas a impressão se dissipa em suas páginas: a narrativa se desenrola entre um presente nebuloso e uma memória mais difusa ainda. Afinal, quando aconteceram os fatos que a ressaca do professor reconstrói na marra? Nos fragmentos de conversas sempre aparece a perplexidade da classe média



A TENSÃO SUPERFICIAL DO TEMPO, de Cristovão Tezza (Todavia; 272 páginas; 64,90 reais e 39 reais na versão digital)

com as idas e vindas do atual governo federal. “A cada manhã, o noticiário traz uma surpresa”, diz um personagem. Habituada à autorreferência, a literatura brasileira conquista novo patamar com o jogo proposto por Tezza. Não é sempre que a arte se arrisca a comentar fatos tão frescos da realidade, sem esquecer sua função de contar bem uma história.

Os personagens entram sem pedir licença, um saindo da lembrança do outro. Não é o fluxo de pensamento consagrado pelo irlandês James Joyce ou a inglesa Virginia Woolf. São lembranças misturadas, geradas no pensamento de quem tenta colocar as coisas em ordem. É uma técnica refinada de narrativa que conduz o leitor pelas noites conturbadas do protagonista. Sentado feito um sem-teto no Passeio Público de Curitiba, o professor junta os cacos dos últimos dias — o fim do casamento com Hélia, o jogo sedutor da aluna Líria, as intermináveis arengas da mãe, Lurdes. Ele tateia as recordações com o cuidado de um inseto que caminha sobre a água sem



O LUGAR DO ENCONTRO

Apesar da imensa crise, as livrarias felizmente vão sobreviver

afundar — o que se explica pelo fenômeno químico da tensão superficial, que dá título ao livro.

O hobby de pirateador acrescenta lances ao turbilhão de Cândido. Ele baixa filmes para sua mãe de 80 anos, que passa o dia diante da TV. Até que um dia Cândido copia *Ascensor para o Cada-falso*, de Louis Malle, para a madrastra de uma aluna. É quando Antônia entra em cena. À beira dos 50 anos, sensual e insatisfeita com o casamento, Antônia se identifica com o filme de 1958, no qual a atriz Jeanne Moreau fazia uma *femme fatale*. Enquanto o marido precisa viajar a Brasília para tratar do convite do ministro da Justiça (nunca citado, mas a cara de Sergio Moro), Antônia e Cândido se entregam a uma paixão devoradora.

A política entra na trama da mesma maneira que nas vidas cotidianas. Os personagens se sentem atingidos e reagem ao que emana de Brasília. Escritor de perfil pessoal conservador, Tezza joga o governo Bolsonaro na centrífuga da história sem nomear o mandatário. No lugar do nome (citado só uma vez), os personagens se referem a ele por meio de figuras de linguagem pouco sutis e nada edificantes, às vezes impubescíveis. Não é a primeira vez que Tezza lança mão do recurso. Em *A Tradutora*, de 2016, o cenário era o governo Dilma. Em *A Tirania do Amor*, de 2018, a história vinha embalada na gestão Temer. Juntos com *A Tensão Superficial do Tempo*, eles formam o que o autor batizou de trilogia do acaso, tendo Curitiba como cenário. Em nenhum momento, a discussão política toma a frente. O que importa ao escritor catarinense de 67 anos são os dilemas de suas criaturas. Nem só de política, mas também de sexo e química vive o homem. ■

NA ÚLTIMA SEMANA, participei de uma *live* com Rui Campos, da rede de livrarias Travessa, e Ivana Jinkings, da editora Boitempo. Conversamos sobre o futuro do livro e do mercado literário, um dos que mais sofreram ultimamente, mesmo antes da pandemia, principalmente com o fechamento de diversas livrarias e com a recuperação judicial das redes Saraiva e Cultura.

Apesar de tudo, o livro sobrevive. Após uma queda brusca e um prenúncio de crise histórica, o mercado mostrou recente recuperação, ainda longe de ser ideal. Nos meses de maio e junho, um levantamento do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel) confirmou uma rota de recuperação desde o início da pandemia, conforme noticiado no site PublishNews. Segundo o presidente do Snel, os próximos meses serão essenciais, com a reabertura das lojas físicas e a volta dos lançamentos, que movimentam o mercado e atraem o público.

Afinal, a pandemia exigiu replanejamento das editoras. Muitos lançamentos foram adiados, especialmente de autores estreantes. Apenas alguns nomes fortes seguiram no calendário — por exemplo, *Fé no Inferno*, de Santiago Nazarian, foi publicado recentemente pela Companhia das Letras já que o autor possui público cativo. Para ultrapassar a crise, Nazarian tem pessoalmente vendido exemplares autografados pelas redes sociais.

A maioria das editoras garantiu vendas através do relançamento de clássicos, da criação de boxes e dos e-books. Sem dúvida, os livros digitais ganharam força nos últimos tempos. Quando eles chegaram ao mercado, muitos disseram que o livro físico seria coisa do passado,

para colecionador, em comparação esdrúxula com o vinil. É claro que isso não aconteceu, nem vai acontecer: a experiência de ler um exemplar físico, com capa, textura e cheiro de papel, é bem diferente daquela de ler um digital, com a tela branca. Os dois coexistem — eu mesmo leio livros de estudo no e-reader, mas corro para o físico quando quero me distrair com uma boa ficção.

O e-commerce cresceu no período, já que as lojas estavam fechadas por causa da quarentena. Ainda que a Amazon seja a mais forte nas vendas on-line, Rui Campos fez questão de destacar que

não só a Travessa como a maioria das livrarias pequenas fazem vendas on-line com entregas em todo o Brasil. Mais ainda: nas cidades onde não há livrarias, a venda da Amazon cai. São as livrarias, com suas gôndolas expondo as novidades, que criam a demanda. É o diálogo com

um bom livreiro que leva a conhecer um autor novo. Se você não vai à loja, nada disso acontece. Segundo Rui, a livraria é o lugar do encontro.

Foi essa frase que motivou este texto. Eu me assusto ao pensar nas dificuldades que as livrarias ainda vão enfrentar. Para ajudar, o projeto Retomada das Livrarias (www.projetoetomada.org.br) tem arrecadado fundos para os pequenos negócios do ramo, tão importantes para nós. São tantos encontros que as livrarias já me proporcionaram: com leitores, com amigos livreiros com quem troco referências, com autores que mudaram minha visão de mundo, com apaixonados por livros que se tornaram bons amigos. Vou fazer minha parte para que as livrarias voltem com a força de gerar mais e mais encontros. ■

“A experiência de ler um livro físico é bem diferente daquela de ler um livro digital, com tela branca. Os dois coexistem”